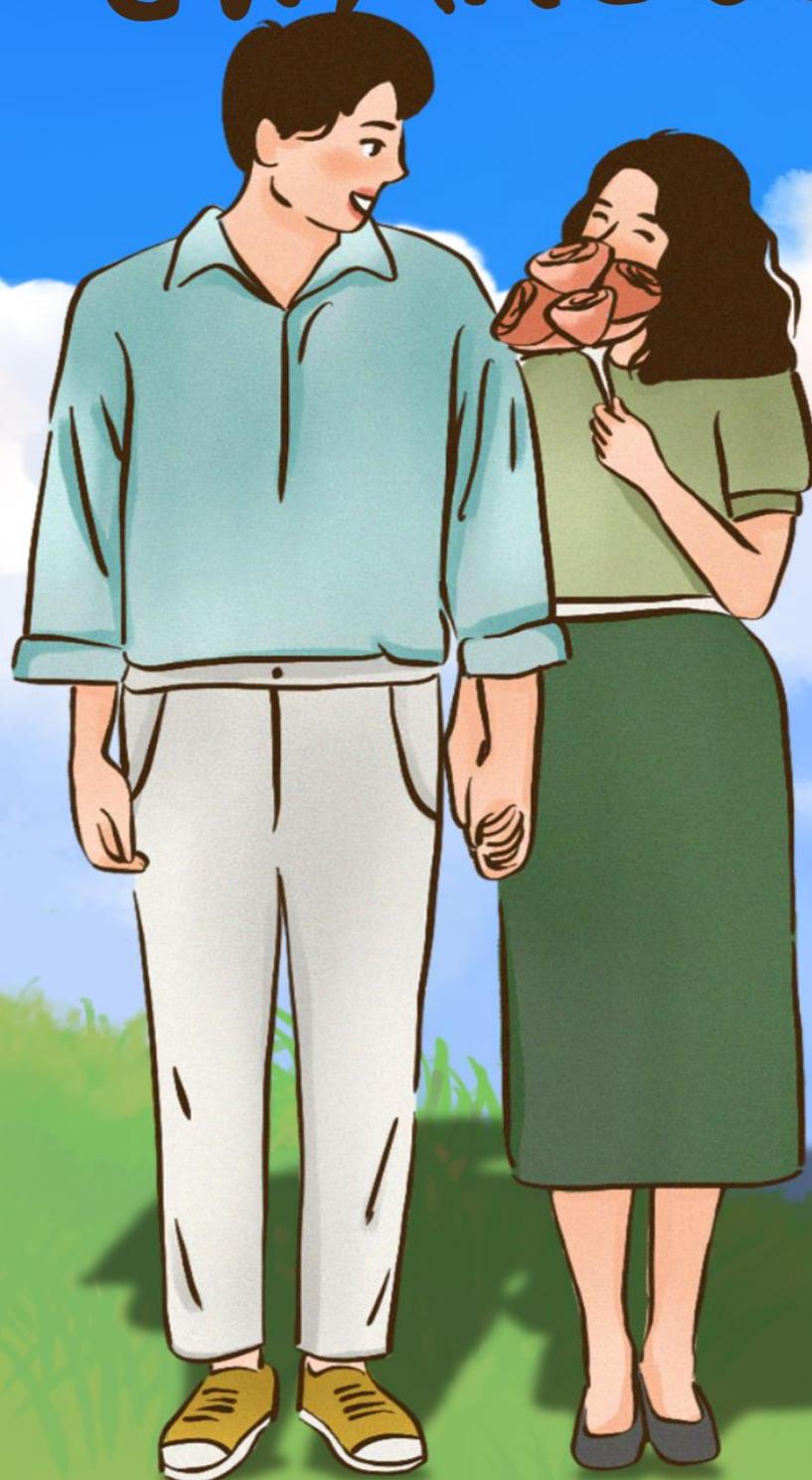




SOO PARK 박수

O SILÊNCIO DE GWANGJU





SOO PARK

O SILÊNCIO DE GWANGJU

Este material foi **enviado e devidamente autorizado pelo responsável legal**, autorizando sua disponibilização gratuita e integral por meio da plataforma **[baixelivros.com.br](http://www.baixelivros.com.br)**.

Assim, o acesso ao livro está restrito **exclusivamente** através do site oficial. Qualquer reprodução, redistribuição ou uso fora dessa plataforma poderá configurar infração aos direitos autorais e às normas legais vigentes.

O site **Baixe Livros** reforça seu compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, oferecendo acesso responsável à leitura.

Para ler este e outros títulos, acesse:
www.baixelivros.com.br

SUMÁRIO

Capítulo 1 – A floricultura e o céu de março.....	5
Capítulo 2 – Bilhetes entre as páginas.....	8
Capítulo 3 – Coisas que voltam	11
Capítulo 4 – Entre flores e futuros	15
Capítulo 5 – O girassol que não desbotou	18
Capítulo 6 – Ficar um pouco mais	21
Capítulo 7 – Flores imperfeitas e a avó de Min-jun.....	24
Capítulo 8 – Bancos antigos e promessas silenciosas	28
Capítulo 9 – Como quem já sabe	31
Capítulo 10 – O bilhete que ficou na porta.....	34
Capítulo 11 – Da alegria das coisas simples	37
Capítulo 12 – Bilhetes perdidos.....	41
Capítulo 13 – O lugar vazio	45
Capítulo 14 – A cidade que não espera	48
Capítulo 15 – Entre bilhetes e promessas	51
Epílogo.....	55

Há silêncios que guardam mais do que palavras.

Há encontros que nunca precisam ser ditos.

E há lugares que continuam esperando,

mesmo quando a gente vai embora.



Capítulo 1 – A floricultura e o céu de março

O despertador tocou às seis em ponto, mas Eun-ha já estava acordada. Deitada de lado, observava a luz pálida da manhã que se filtrava pelas frestas da cortina, iluminando a prateleira de livros antigos encostada na parede. A avó sempre dizia que as manhãs de março eram as mais silenciosas, como se o inverno hesitasse em ir embora e o calor tivesse medo de chegar.

Eun-ha gostava daquele intervalo entre as estações. Era como ela própria: um quase, um meio-termo. Nem tão corajosa para partir, nem tão confortável para ficar.

Vestiu a camiseta branca de mangas compridas, prendeu o cabelo num coque desajeitado e desceu as escadas para a cozinha. A avó já estava lá, como sempre, cortando frutas para o café da manhã e ouvindo a rádio local com o volume baixo.

— Dormiu bem? — perguntou a senhora, sem desviar os olhos da tábua de madeira.

Eun-ha assentiu e ocupou seu lugar à mesa. Não precisava de muitas palavras com a avó. Era um costume antigo entre elas, quase um pacto silencioso: diziam apenas o necessário, mas se entendiam como se falassem demais.

Às sete, abriram a floricultura.

"Flor e Brisa" era o nome da pequena loja na esquina da rua principal de Gwanju. Tinha sido do avô, depois passou para a avó, e um dia talvez fosse de Eun-ha. Só que ela ainda não sabia se queria ser dona de uma loja de flores ou se preferia algo que nem sabia o nome.

Enquanto organizava as margaridas recém-chegadas e borrifava água nas folhas das samambaias, notou o céu pela janela: um azul lavado, quase transparente. Havia poucos clientes pela manhã, e ela gostava disso. Era o horário em que podia ouvir os pensamentos sem pressa.

Às dez, a campainha da porta tocou. Eun-ha ergueu os olhos esperando ver a senhora do mercado ou talvez o carteiro, mas era um rapaz desconhecido.

— Bom dia — disse ele, com um sorriso tímido. — Vocês vendem girassóis?

Eun-ha apontou para o canto direito da loja.

— Ali. Mas ainda estão pequenos. A temporada deles é no verão.

— Ah... — Ele coçou a nuca, sem jeito. — Eu queria escrever algo sobre girassóis, mas precisava ver um de perto. Achei que já teria.

Ela balançou a cabeça devagar e, antes que percebesse, perguntou:

— Você escreve?

O rapaz deu de ombros.

— Cartas. Para pessoas que não conheço.

Ela franziu as sobrancelhas, curiosa, mas sem perguntar mais. Sentiu que aquele era o tipo de coisa que ele só explicaria se tivesse vontade.

— Mesmo pequenos, os girassóis continuam sendo girassóis — disse ela, quase sem pensar.

Ele sorriu, como se tivesse gostado da resposta, e caminhou até o canto da loja para observá-los.

O silêncio voltou. Mas, dessa vez, havia algo diferente nele. Não era o silêncio de antes, preenchido apenas pelo barulho do borrifador e da rádio na cozinha. Era outro tipo de silêncio, o que nasce quando duas pessoas compartilham o mesmo espaço sem urgência e sem obrigação de falar.

Eun-ha voltou ao seu trabalho, ajeitando as embalagens dos buquês e recolhendo as folhas caídas. Mas, pela primeira vez em muito tempo, percebeu que estava esperando para ver se aquele rapaz diria mais alguma coisa antes de ir embora.

E quando ele finalmente se aproximou do balcão para pagar por um botão de girassol pequeno e torto, disse, quase como um segredo:

— Acho que vou escrever sobre isso. Sobre o quase-girassol.

Eun-ha apenas sorriu e o viu atravessar a porta, levando consigo o pequeno girassol e uma curiosidade que ela sabia que não demoraria para querer matar.

A campainha da porta se fechou atrás dele e, por algum motivo, o céu de março pareceu um pouco menos indeciso.



Capítulo 2 – Bilhetes entre as páginas

Era estranho como algumas pessoas passavam por nós e deixavam rastros, como linhas invisíveis ligando histórias que nem começaram. Desde a visita do rapaz dos girassóis, Eun-ha pegou o hábito involuntário de olhar para a porta cada vez que a campainha tocava. Não que esperasse de verdade que ele voltasse tão rápido. Mas... talvez esperasse.

Na manhã seguinte, ajudava a avó a arrumar as peônias na vitrine quando encontrou um livro esquecido sobre o balcão. Tinha a capa gasta, com título em letras pequenas: "Cartas a um amigo que nunca li".

— *Halmoni*, alguém esqueceu isso aqui ontem? — perguntou, erguendo o exemplar.

A avó, ajoelhada entre os vasos, deu de ombros, sem nem levantar a cabeça do arranjo que montava.

— Não faço ideia. Alguém deve ter esquecido aí ontem.

Eun-ha passou os dedos devagar sobre a capa gasta do livro. Pensou imediatamente no rapaz do girassol. Fora o único cliente diferente nos últimos dias. Talvez tivesse deixado o livro ali sem perceber. Ou... de propósito?

Folheou as páginas com cuidado. Dentro, havia um bilhete dobrado. Sem remetente. Sem destinatário. Só três frases escritas com letra inclinada:

"Às vezes, escrever é a única forma de falar.

Se encontrar este bilhete, espero que esteja tendo um bom dia.

Volto para buscar o livro em breve."

Eun-ha releu mais duas vezes antes de fechar o papel e colocá-lo de volta no mesmo lugar, como se fosse um segredo que precisasse continuar guardado ali dentro.

— Você devia ler — sugeriu a avó, sem olhar para ela. — Livros esquecidos escolhem as pessoas, sabia? Não são como flores, que a gente oferece. Livros se oferecem sozinhos.

Eun-ha sorriu. Gostava dessas filosofias simples da avó, que falava das coisas como se tudo tivesse vontade própria — flores, dias da semana, cadernos, canetas.

— Vou ler, então — respondeu, levando o livro para o quartinho dos fundos, onde costumava descansar entre uma entrega e outra.

Passou o resto da manhã entre frases sublinhadas e capítulos inteiros escritos como se fossem confissões. Eram cartas curtas, endereçadas a ninguém e a todo mundo ao mesmo tempo. Sobre ficar, partir, sobre medos que a gente só conta no papel. Era um tipo de escrita que fazia barulho por dentro, como se alguém batesse de leve na porta do coração pedindo licença para entrar.

Eun-ha se perguntou se o rapaz escreveria daquele jeito.

E, pela primeira vez em muito tempo, sentiu vontade de responder.

Quando terminou a leitura, separou uma folha qualquer, escreveu com sua letra pequena e firme:

"Acho bonito quem consegue falar pelo papel.

Eu só sei ficar em silêncio.

Mas obrigada pelo bilhete."

Dobrou com cuidado, guardou dentro do livro e colocou-o novamente sobre o balcão. Se ele voltasse, encontraria a resposta. E, se não voltasse, tudo bem. Tinha sido bom escrever, mesmo sem a certeza de que alguém leria.

Naquela tarde, o céu de março continuou transparente, e Eun-ha percebeu que talvez, só talvez, o silêncio também pudesse ser um jeito de conversar.



Capítulo 3 – Coisas que voltam

Passaram-se três dias sem sinal do rapaz do girassol.

Eun-ha fingiu que não reparou. Fingiu que não esperou. Fingiu até para si mesma. Mas, toda vez que arrumava o balcão e via o livro ali, quieto no mesmo lugar onde havia sido esquecido, sentia como se ele olhasse de volta.

A avó não comentou nada. Só a observava, de vez em quando, com aquele jeito sábio e manso, como quem sabe o que se passa sem precisar perguntar.

— Tem coisas que, se forem pra voltar, voltam — disse, certa manhã, enquanto separava as astromélias que começavam a murchar. — E tem outras que a gente precisa deixar ir, para ver se sentem saudade.

Eun-ha sorriu, sem responder.

A manhã transcorreu como tantas outras. Preparou os buquês para entrega, trocou a água dos vasos, varreu as pétalas secas do chão. Era uma rotina que conhecia de cor, e talvez fosse por isso que os pensamentos escapavam tão fácil, voltando para ele.

Por que alguém deixaria um livro com um bilhete assim?

Por que alguém escreveria cartas para desconhecidos?

E por que ela, que nunca se interessava por ninguém, estava agora gastando tanto tempo pensando em um cliente que mal sabia o nome?

Foi só depois do almoço, quando o sol começava a aquecer mais forte e o movimento da loja diminuía, que a campainha tocou.

E lá estava ele.

Usava a mesma jaqueta azul do outro dia, e a mesma expressão tímida, como se pedisse desculpas só por existir. Entrou devagar, olhando ao redor, e Eun-ha teve a impressão de que ele também disfarçava. Como quem ensaiou muitas vezes o que faria, mas, na hora, esqueceu a fala principal.

— Ah... — começou ele, aproximando-se do balcão. — Acho que deixei um livro aqui.

Ela pegou o exemplar como se fosse um gesto casual, mas o coração batia forte como se segurasse algo muito mais valioso do que papel e tinta.

— Sim, estava aqui — disse, entregando-o. — E tinha um bilhete dentro.

Os olhos dele pareceram buscar algo nos dela, talvez para descobrir se ela tinha lido, se tinha entendido.

— Tinha — confirmou, meio sem jeito. — Foi só... algo que escrevi. Eu faço isso às vezes. Deixo bilhetes por aí.

Eun-ha pensou em como seria caminhar por Gwanju encontrando palavras soltas deixadas por ele. De repente, a cidade pareceu mais interessante.

— Eu respondi — disse, quase num sussurro.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso. Abriu o livro ali mesmo e encontrou a folha dobrada. Leu sem pressa, e quando terminou, sorriu com os olhos, daqueles sorrisos pequenos, mas que aquecem mais do que os grandes.

— Obrigado — disse. — Acho que foi a melhor resposta que já tive.

O silêncio se instalou entre os dois, mas, diferente de antes, não era desconfortável. Era como se compartilhassem algo invisível, uma conversa que acontecia mesmo sem palavras.

Eun-ha apoiou os cotovelos no balcão, fingindo que ajeitava alguma coisa.

— Você escreve sempre?

— Sempre não. Só quando não sei como falar.

Ela assentiu. Entendia perfeitamente.

— Eu... — ele começou guardando o bilhete no bolso. — Eu pensei em trazer um novo texto. Para deixar aqui. Se não for incômodo.

— Não é — respondeu, talvez rápido demais. — Pode deixar.

— Então, volto amanhã.

— Vou estar aqui.

E assim, sem pressa, ele saiu. Levou o livro e o bilhete, mas deixou algo que Eun-ha não soube explicar. Um tipo novo de espera.

Naquela noite, ao fechar a floricultura, reparou que o céu de março começava a ganhar tons rosados. E, pela primeira vez em muito tempo, teve vontade de escrever também — nem que fosse só para continuar a conversa.



Capítulo 4 – Entre flores e futuros

Os dias em Gwanju amanheciam sempre do mesmo jeito. Era como se o tempo ali tivesse aprendido a andar devagar, sem pressa, sem sustos. E Eun-ha gostava disso. Gostava tanto que, às vezes, se perguntava se havia algo de errado com ela por não desejar mais.

Desde que terminou a escola, três meses antes, as perguntas começaram a chegar junto com o correio. Primeiros os bilhetes da mãe. Depois as ligações apressadas do pai, sempre do carro, no caminho para o trabalho em Seul.

— Já decidiu para qual faculdade vai tentar?

— Não pode ficar parada aí.

— Gwangju é pequena demais para você, filha.

Mas ela não se sentia pequena ali. Pelo contrário. Era como se a cidade e a floricultura a preenchessem do tamanho exato que precisava ter.

O plano dos pais sempre foi claro: estudar em Seul, conseguir um bom emprego, talvez na mesma empresa do pai, e "ter futuro", como diziam. Mas, quanto mais ouviu sobre isso, mais Eun-ha teve certeza de que seu futuro cabia entre as samambaias da vitrine e as prateleiras com vasos de barro.

— Você sabe que pode ficar — disse a avó certa noite, enquanto preparavam chá de jasmim na cozinha. — Mas precisa entender que não é só ficar. Tem que cuidar, tem que amar isso aqui de verdade.

— Eu já amo — respondeu Eun-ha, quase ofendida.

A avó sorriu, com a calma de quem já viu muitas decisões sendo tomadas com o coração apressado.

— Amar não é o bastante, às vezes. Vão te perguntar por que escolheu isso. Vão te olhar como se fosse pouco. Vai ter que ter coragem para continuar dizendo que não é.

Eun-ha ficou pensando naquilo por dias. Não porque duvidasse do que sentia, mas porque, pela primeira vez, entendeu que amar a rotina que escolheu talvez fosse só o primeiro passo.

Agora, a cada manhã, quando abria as portas da loja e sentia o cheiro das flores misturado ao vento fresco de março, respirava fundo como quem se preparava para justificar sua existência.

E havia também outra coisa. Ou melhor, outro alguém.

O rapaz do girassol.

Desde que voltara para buscar o livro, Eun-ha se pegava contando as horas em pensamentos que não dizia em voz alta. Imaginava a campainha tocando. Imaginava o barulho leve da porta de vidro. Imaginava a voz dele perguntando se podia deixar outro bilhete.

E, no fundo, tinha medo do contrário: dele não voltar.

De vez em quando, olhava para o canto do balcão onde o livro tinha ficado, como se a ausência dele fosse um convite em si.

Os dias foram passando. Ela seguia cuidando das entregas, separando as flores para os casamentos do fim de semana, montando os pequenos arranjos para as senhoras da vizinhança que passavam pela manhã.

À noite, no quarto, pegou o caderno antigo que usava para anotar os pedidos e, pela primeira vez, abriu em branco para escrever algo que não fosse lista de flores.

"Hoje pensei em deixar um bilhete para alguém que talvez não volte. Mas pensei também que, se não voltar, pelo menos essas palavras ficaram comigo."

E assim foi preenchendo as páginas sem pressa, como se escrever fosse o jeito de pentear os pensamentos bagunçados.

E, pela primeira vez, percebeu que talvez não precisasse tanto fugir do que sentia. Talvez Gwangju fosse o lugar certo. Talvez a floricultura fosse o bastante.

E talvez...

Talvez fosse bom ter alguém que deixasse bilhetes também.



Capítulo 5 – O girassol que não desbotou

O mês seguia passando devagar, como um lençol sendo dobrado com cuidado. A rotina era sempre a mesma, e isso costumava bastar para Eun-ha. Mas agora havia um intervalo diferente entre as horas — um espaço novo, preenchido por esperas pequenas.

Ela regava as plantas, organizava as prateleiras, recebia os pedidos. E, entre uma tarefa e outra, olhava para a porta.

A avó notou, claro. Notava tudo.

— Se esperar muito, cansa — disse, certa manhã, enquanto aparava as folhas das dalias. — Melhor cuidar do que já tem nas mãos.

— Eu estou cuidando.

— Está, sim. Mas seu pensamento anda longe daqui.

Eun-ha sorriu sem graça, desviando os olhos para o balcão.

— Ele vai voltar? — a avó perguntou, sem rodeios, como quem fala sobre a previsão do tempo.

— Eu não sei...

— Então não espera tanto. Gente é igual flor. Às vezes brota, às vezes não.

Mas, mesmo dizendo isso, no fundo, Eun-ha esperava.

Porque ele tinha dito que voltaria. Porque havia algo no jeito como segurou o livro, como leu o bilhete dela, que parecia sincero demais para ser só despedida.

Em dias assim, quando o silêncio da loja pesava mais do que o normal, ela relia os bilhetes que começara a escrever no caderno. Eram cartas que não entregaria, perguntas que não faria. Apenas pensamentos guardados, como sementes plantadas sem pressa.

"E se eu não quiser sair daqui?

E se meu lugar for justamente esse, entre as flores e o silêncio?"

Os pais ligaram naquela tarde. A mãe, ansiosa, listou opções de cursos. Administração, Letras, algo que a mantivesse ocupada e “fizesse sentido”.

— Você não pode parar a vida agora, Eun-ha. Não pode ficar aí como se o mundo terminasse em Gwangju.

Ela concordou com a cabeça, mas por dentro, discordou. O mundo dela cabia ali. No cuidado diário das pétalas, nos clientes que voltavam para agradecer um buquê, no cheiro doce que a loja ganhava no fim da tarde.

E, agora, cabia também na lembrança breve de alguém que deixava bilhetes e procurava girassóis fora de época.

Naquele mesmo dia, antes de fechar a loja, encontrou algo inesperado.

Em meio ao arranjo de margaridas da vitrine, havia um pequeno envelope branco.

Nenhum nome escrito. Nenhum sinal de quem havia deixado.

Dentro, poucas palavras:

"Os quase-girassóis continuam firmes.

Volto logo.

Min-jun."

E, ao ler, o coração de Eun-ha soube que esperar, às vezes, vale a pena.



Capítulo 6 – Ficar um pouco mais

Min-jun apareceu no dia seguinte, como havia prometido.

Dessa vez, entrou na floricultura sem pressa, como quem finalmente encontrou o caminho que estava procurando. Eun-ha ouviu a campainha e, antes de olhar, já sabia que era ele.

— Olá. — sorriu. — Espero que tenha encontrado meu bilhete.

— Encontrei. E foi bom. Eu... gosto de quando as palavras chegam assim, sem avisar.

Ele assentiu, caminhando até o balcão. Trazia consigo uma sacola de papel.

— Trouxe outra coisa também. Um livro. Achei que podia ficar aqui por um tempo, se não for incômodo.

— Pode deixar. — respondeu, quase apressada, feliz demais para disfarçar. — E... não é incômodo.

Por alguns minutos, ficaram em silêncio. Ele observava as prateleiras cheias de vasos pequenos e arranjos simples, como se nunca tivesse reparado de verdade no espaço ao redor. Ela se ocupava fingindo arrumar os lírios.

— Você trabalha aqui com sua avó? — perguntou, puxando conversa, como quem queria estender aquele momento só um pouco mais.

— Sim. Desde que terminei a escola.

— E não pensa em sair daqui?

A pergunta, feita assim, tão direta, não a incomodou como quando vinha dos pais.

— Não. Gosto daqui. Tem gente que acha pouco, mas para mim parece suficiente.

— Acho bonito quando alguém sabe onde quer ficar.

Ela sorriu, tímida.

— E você? Mora aqui?

— Estou passando uns meses com minha avó. Vim de Busan. Estou de férias da faculdade, estudo Letras.

— Letras?

— Sim. Não é tão diferente do que você faz aqui, sabe? Eu tento organizar palavras, como você organiza flores.

Eun-ha gostou da comparação. Achou que fazia sentido.

— E sua avó?

— Ela mora aqui desde que ficou viúva. Vem sempre à igreja do bairro. Tem uma rotina certinha... Acorda cedo, reza, cozinha, reza de novo. Vim para fazer companhia, e para descansar um pouco da correria da cidade.

— Eu gosto do jeito como o tempo passa aqui.

— Eu também. Parece que dá pra respirar melhor, né?

Ela assentiu, olhando pela janela. Lá fora, o céu começava a ganhar tons dourados, e Eun-ha percebeu que queria prolongar aquele fim de tarde mais do que qualquer outro.

— Se quiser — disse, arriscando — posso te mostrar o jardim dos fundos um dia. É onde deixamos as flores que não vendemos, as que não chegaram a ser perfeitas o bastante para a vitrine.

Min-jun sorriu, como se entendesse exatamente o valor de algo assim.

— Quero, sim. Flores imperfeitas parecem um bom lugar para conversar.

E foi só isso. Nada grandioso. Nenhuma pressa. Apenas a sensação de que, às vezes, quando se fica um pouco mais, as coisas começam a florescer.



Capítulo 7 – Flores imperfeitas e a avó de Min-jun

Min-jun chegou no fim da tarde seguinte. A floricultura já estava mais calma, com poucas entregas e a avó de Eun-ha descansando na cadeira de balanço perto da porta dos fundos, bordando alguma coisa que ela nunca parecia terminar.

Dessa vez, ele veio acompanhado.

— Espero que não se importe — disse, entrando com passos lentos. — Minha avó quis conhecer a loja.

A senhora, de cabelos brancos presos num coque baixo e olhos atentos como os de quem já criou muita gente, sorriu para Eun-ha ao passar pela porta.

— Já ouvi falar muito bem daqui — disse, com voz doce. — E mais ainda de você.

Eun-ha corou sem entender exatamente o que Min-jun havia contado, mas se curvou levemente, como fazia com as clientes mais antigas.

— É um prazer recebê-la.

Enquanto a avó de Min-jun se distraía olhando os vasos e murmurando que levaria um ramalhete para colocar diante da imagem de Nossa Senhora na igreja, ele se aproximou do balcão.

E foi então que ela reparou nele de verdade.

Min-jun era mais alto do que parecia. Tinha o tipo de magreza de quem não faz esforço para caber nos lugares, ombros largos cobertos por uma camisa simples de linho bege, e cabelos pretos um pouco bagunçados, como se nunca tivesse paciência para pentear direito. Mas o que chamava atenção eram os olhos — escuros, calmos, do tipo que parecem ouvir antes de falar. E quando sorria, o sorriso não era grande, mas sincero, discreto, como se quisesse deixar a cena confortável para quem estivesse ao lado.

Eun-ha desviou o olhar rápido demais e, para disfarçar, limpou o balcão com a palma da mão.

— Quer ver o jardim? — perguntou.

— Quero. Se ainda puder.

Ela fez um gesto simples com a cabeça, como quem diz "por aqui", e foram juntos até os fundos da loja. A avó dele permaneceu na frente, agora envolvida numa conversa animada com a avó de Eun-ha sobre chás e procissões.

O jardim dos fundos era pequeno, escondido por um muro baixo e algumas trepadeiras que já começavam a florescer. Ali ficavam as plantas que não tinham sido vendidas, as que chegavam meio tortas ou as que perdiam um pouco do viço antes da hora. E mesmo assim, havia beleza. Talvez justamente por isso.

— Eu gosto mais dessas — confessou Eun-ha, apontando para um vaso de tulipas que não abriram direito. — São como... quem quase conseguiu. E tudo bem.

Min-jun se agachou para ver de perto, passou os dedos com delicadeza na borda da pétala menos firme.

— Acho que são as melhores histórias. As que quase aconteceram.

— Você escreve sobre isso também? Sobre quase-alguma-coisa?

Ele sorriu de lado.

— Sempre. É quando a gente não termina as coisas que elas continuam com a gente por mais tempo.

O sol já ia se escondendo, e uma brisa leve passou por entre as folhas. Por um momento, Eun-ha quis que o tempo parasse ali, naquela tarde morna, entre flores imperfeitas e conversas que não precisavam de muito para fazer sentido.

Voltaram para dentro quando a avó de Min-jun chamou, segurando um buquê simples nas mãos.

— Vamos, menino, a missa começa logo. E você sabe como eu não gosto de chegar depois do canto inicial.

Min-jun sorriu e, antes de sair, virou-se para Eun-ha.

— Você já foi na igreja aqui do bairro?

— Não... — respondeu, um pouco sem jeito. — Minha família não é católica.

Ele assentiu devagar, como quem entende.

— Mas... se quiser ir, acho que vai gostar. A missa da noite é tranquila. A igreja fica bonita com as luzes acesas. Parece que o tempo para um pouco.

Ela pensou em recusar, como faria com qualquer convite que a tirasse do conforto silencioso da floricultura. Mas, por alguma razão, não quis dizer não.

— Talvez eu passe lá um dia — respondeu, sem prometer, mas deixando a porta aberta.

— Quando quiser. Algumas coisas parecem sempre estar esperando pela gente.

Ele disse aquilo com naturalidade, mas ficou ecoando na cabeça dela mesmo depois que os dois foram embora.

Eun-ha ficou algum tempo parada perto da porta, observando a rua vazia, e se pegou imaginando como seria estar sentada num banco antigo de madeira, ouvindo orações que atravessam os anos sem perder a força.

Pensou em como algumas coisas permanecem, mesmo quando tudo muda: o cheiro de flores novas logo cedo, o barulho da chuva contra o telhado, as avós bordando conversas que parecem não ter fim, e talvez... talvez até os sentimentos que nascem devagar, quase sem ninguém perceber.

Talvez fosse isso que Min-jun queria dizer. Que algumas coisas esperam. E que talvez, só talvez, valha a pena aceitar o convite.



Capítulo 8 – Bancos antigos e promessas silenciosas

Eun-ha não tinha pressa quando decidiu ir. Foi no fim de uma tarde nublada, daquelas em que o céu parece não se decidir entre a chuva e o descanso.

A floricultura já estava fechada, a avó recolhida no quarto, e a cidade em seu costumeiro silêncio de domingo. Não avisou a ninguém. Apenas pegou o casaco, prendeu o cabelo com a fita azul de sempre e caminhou devagar até a igreja do bairro, como quem visita um lugar que já esperava por ela antes mesmo de ser pensado.

A fachada era simples. Paredes claras, vitrais pequenos e discretos, e uma escada baixa que levava até as portas de madeira gastas pelo tempo. Não havia nada de extraordinário. E, talvez por isso, fosse tão bonito.

Entrou sem fazer barulho, ocupando um dos últimos bancos. O ar ali dentro era diferente. Tinha cheiro de madeira antiga e velas acesas, como se tudo carregasse uma memória que não pertencia a ela, mas que, de algum modo, a incluía.

As luzes amareladas deixavam o ambiente mais quente, e Eun-ha percebeu o que Min-jun queria dizer: parecia mesmo que o tempo tinha parado.

De onde estava, avistou a avó dele sentada na frente, postura ereta, mãos juntas no colo. Ao lado, Min-jun acompanhava tudo em silêncio, com a mesma expressão tranquila que trazia quando falava das palavras que escrevia. Ele não a viu ali. E ela preferiu assim.

Queria observá-lo sem pressa, como quem lê um livro devagar para que dure mais.

Enquanto o coral cantava, Eun-ha pensou na diferença entre quem vai e quem fica. Sempre acreditou que ficar era uma forma de silêncio. Mas ali, naquele lugar cheio de ritos antigos repetidos noite após noite, entendeu que ficar podia ser também uma forma de permanência.

As mesmas músicas, as mesmas palavras, os mesmos gestos atravessando anos, décadas, gerações inteiras. E ainda assim, tudo continuava novo para quem chegava pela primeira vez.

Quando a Missa terminou e o movimento ao redor começou a se desfazer, Eun-ha permaneceu sentada por mais alguns minutos. O crucifixo sobre o altar parecia diferente visto dali, iluminado pela luz suave das velas.

Ela não sabia rezar como os outros. Não conhecia as palavras certas, nem os gestos certos. Mas, de algum modo, sentiu que podia simplesmente olhar.

E foi o que fez.

Sem dizer nada em voz alta, pensou no que gostaria de pedir. E percebeu que não era nada grandioso. Queria apenas continuar ali. Poder permanecer onde as coisas simples bastavam: as flores, a avó, a loja, o céu de Gwangju que nunca mudava tanto.

E, por um instante, achou bonito imaginar que alguém, pendurado no alto e rodeado de velas, entendia isso.

"Se existir alguém ouvindo," pensou, sem pressa, "que não me deixe ter medo. De ser só isso que eu sou."

E com esse pensamento, fez o sinal da cruz, do jeito desajeitado que lembrava de ter visto, e se levantou.

Saiu antes que Min-jun pudesse notá-la. Gostou da ideia de ir embora em silêncio. Como se aquele instante precisasse ficar só dela, guardado inteiro como uma oração discreta, daquelas que ninguém escuta, mas que fazem companhia por muito tempo.

Na volta para casa, o céu já escurecia, e Eun-ha sentiu que havia algo confortável em saber que, no dia seguinte, as flores estariam lá, esperando. Assim como a igreja. Assim como ele.

Talvez algumas coisas pertençam a quem decide permanecer.

E, naquela noite, essa certeza foi sua melhor prece.



Capítulo 9 – Como quem já sabe

Na manhã seguinte, a floricultura amanheceu com cheiro de terra molhada. Tinha chovido durante a madrugada, e o céu continuava cinza, feito cobertor dobrado sobre a cidade. Eun-ha abriu as portas como de costume, varreu as folhas que o vento espalhou pela calçada e ajeitou os vasos da vitrine sem tanta pressa.

Foi só depois das dez que Min-jun apareceu. Sozinho, dessa vez.

— Trouxe mais um bilhete — disse, levantando um envelope pardo antes mesmo de atravessar a porta por completo.

Eun-ha sorriu.

— Então pode deixar aí. O balcão sente falta deles.

Ele depositou o envelope no mesmo canto de sempre e ficou por ali, apoiado de lado, observando a movimentação da rua.

— Ontem foi uma boa Missa — comentou, casual, como quem não espera resposta, só lança as palavras no ar para ver onde caem.

Eun-ha sentiu as bochechas esquentarem, mas não desviou o olhar do arranjo de crisântemos que fingia ajeitar.

— É? — disse, tentando soar indiferente.

— Uhum. A igreja estava quase cheia, mas teve alguém que escolheu sentar nos fundos... Bem quieta... Como se quisesse passar despercebida.

Ela segurou o riso, mordendo o canto da boca.

— Talvez fosse só alguém curioso.

— Talvez. — ele concordou, sorrindo também. — Mas curioso ou não, fico feliz que tenha ido.

Por um momento, ninguém disse mais nada. Só ficaram ali, cada um do seu lado do balcão, partilhando aquele silêncio confortável que parecia nascer fácil entre os dois.

— Gostei do jeito como tudo acontece lá — confessou, finalmente. — Como se o tempo não tivesse tanta pressa.

— É isso que gosto também. É sempre igual, sabe? Mesmo que tudo mude aqui fora, lá dentro continua do mesmo jeito.

Eun-ha assentiu, entendendo mais do que ele imaginava.

— Acho que tem coisas que precisam permanecer.

— Exatamente.

Ela percebeu que gostava disso nele: a maneira simples como dizia as coisas, como se não houvesse nada mais natural do que valorizar o que permanece.

— Vai voltar? — perguntou ele, sem olhar diretamente para ela.

— Talvez. Não prometo, mas... talvez.

— Quando quiser. Já sabe o caminho.

E, naquele instante, Eun-ha sentiu que o convite não era só para a Missa. Era para permanecer, para continuar, para existir ao lado dele nesses espaços pequenos que eles começavam a dividir.

Min-jun se despediu logo depois, deixando mais um bilhete sobre o balcão. Ela esperou que ele saísse para abrir.

*"Gosto de quem aparece devagar e fica sem fazer barulho.
Acho que você entende."*

Eun-ha fechou o envelope com cuidado, guardando-o junto dos outros.

Pensou em como, mesmo sem dizer muito, algumas presenças vão ocupando espaço na vida da gente. E, sem perceber, a gente começa a esperar por elas como se sempre tivessem estado ali.

Como quem já sabe.



Capítulo 10 – O bilhete que ficou na porta

Os dias começaram a passar mais lentos depois da segunda-feira.

Min-jun não apareceu na terça. Nem na quarta. Nem no resto da semana.

Na floricultura, tudo continuava como sempre. Flores chegando cedo, clientes entrando e saindo, entregas, chá quente no fim da tarde. Mas, por dentro, alguma coisa em Eun-ha parecia fora de lugar, como quando um vaso fica torto na estante e, por mais que ninguém perceba, incomoda quem olha de perto.

Ela tentou disfarçar de si mesma. Pensou que talvez ele tivesse voltado para Busan, ou apenas se ocupado demais para passar. Mas, no fundo, havia algo estranho na ausência. Quem escreve bilhetes e promete voltar não some assim.

A semana inteira se arrastou em silêncio, e o domingo chegou envolto num vento frio, como se quisesse lembrar a cidade de que março estava acabando.

Sem planejar muito, Eun-ha se viu novamente a caminho da igreja.

Sentou no mesmo banco da outra vez, lá atrás. Mas, dessa vez, a igreja parecia maior. E mais vazia.

Não viu Min-jun. Nem a avó dele.

No fim da missa, reuniu coragem para perguntar a uma das senhoras que sempre ficavam na porta, conversando antes de ir embora.

— Com licença... a senhora sabe onde mora a avó do Min-jun?

A senhora ajeitou o xale nos ombros, pensando um pouco antes de responder.

— Ah, claro. Mora ali perto do morro, naquelas casinhas azuis, sabe? A terceira da rua. Mas por quê, minha filha?

— É que... só queria entregar uma coisa.

A senhora sorriu com aquele jeito curioso que as pessoas mais velhas têm, mas não insistiu.

E foi assim que Eun-ha se viu subindo a rua de pedras, com o coração batendo mais rápido a cada passo. O bairro era simples, e as casas tinham cheiro de sopa feita cedo e roupas estendidas nos varais.

Parou diante da casa azul, exatamente como haviam descrito.

O portão estava encostado. As cortinas fechadas. E, por algum motivo, ela não teve coragem de bater.

Em vez disso, pegou uma folha do caderno que sempre carregava na bolsa e escreveu ali mesmo, apoiada no portão:

"Oi, espero que estejam bem.

A floricultura ficou mais silenciosa esses dias.

Voltem quando puderem. Eu espero."

Dobrou o papel e prendeu entre a grade do portão, ajeitando para que não voasse com o vento.

Antes de ir embora, olhou a casa por mais alguns segundos, como se pudesse descobrir alguma resposta nas janelas fechadas.

Não sabia, mas lá dentro, Min-jun estava sentado ao lado da avó, que vinha passando os dias na cama, cansada e quieta, como as flores que perdiam o viço antes do tempo.

Ele não viu o bilhete sendo deixado, mas naquela mesma noite, ao abrir a porta, encontrou o papel dobrado esperando por ele.

Sorriu, cansado, mas sincero, como quem sente alívio só por saber que alguém reparou na ausência.

E guardou o bilhete junto dos outros.



Capítulo 11 – Da alegria das coisas simples

Foi na segunda-feira, logo depois do almoço.

Eun-ha estava repondo as prateleiras da vitrine quando ouviu a campainha tocar. Achou que fosse mais um cliente qualquer, e talvez por isso demorou a levantar os olhos.

Mas então viu.

Min-jun.

A mesma jaqueta azul, os cabelos ainda mais bagunçados do que antes, como se a última semana tivesse pesado nos ombros dele. Mas, apesar do cansaço discreto, o sorriso veio fácil.

— Olá.

Ela sentiu o coração disparar, mas manteve a calma como podia.

— Você sumiu.

— Eu sei.

Ele entrou devagar, com passos curtos, como quem não quer atrapalhar a paz do lugar.

— Minha avó ficou adoecida... nada grave, mas precisei ficar em casa esses dias. Só agora melhorou um pouco.

— Que bom que ela está melhor. Fiquei preocupada.

— Eu percebi.

E sorriu, puxando do bolso o bilhete amassado que ela deixará na grade do portão.

— Obrigado por isso. Foi bom saber que alguém estava esperando.

Eun-ha não respondeu de imediato. Apenas ajeitou os girassóis — agora já um pouco mais crescidos — e assentiu.

— Eu... achei que você tinha ido embora.

— Vou ter que ir. Em breve.

Ela ergueu os olhos, esperando que ele explicasse.

— Preciso voltar para Seul. O período da faculdade começa semana que vem.

Eun-ha sentiu algo apertar no peito. Não era surpresa, mas ainda assim doeu um pouco.

— Entendo.

— Mas... eu queria voltar. Não só para visitar minha avó. Para voltar pra cá, sabe? De verdade.

Ela sorriu, porque sabia exatamente o que ele queria dizer.

— Meus pais vivem insistindo para que eu vá para Seul também. Para estudar, trabalhar, correr atrás dessas coisas todas.

— E você quer?

— Não sei. Parece que esperam que a gente sempre queira mais, sempre sonhe mais alto. Mas e se eu quiser só isso? A floricultura, Gwanju, o tempo passando devagar...

— Eu acho bonito quem escolhe o simples.

Ele disse aquilo com tanta naturalidade, sem peso algum, como se não houvesse nada mais óbvio do que encontrar alegria nas coisas pequenas.

— Às vezes penso que é isso que mais falta hoje em dia. Alguém que saiba ficar onde gosta, sem precisar explicar pra ninguém.

Eun-ha segurou o riso, porque era exatamente assim que se sentia e nunca tinha colocado em palavras.

— Quem sabe você volta e me ensina mais sobre isso — arriscou.

— Quem sabe — ele respondeu, com aquele sorriso torto e tranquilo, como quem não promete, mas quer.

E ficou um pouco mais, só conversando, só estando ali, como se a pressa do mundo ficasse do lado de fora da porta da floricultura.

Eun-ha percebeu, ao vê-lo ir embora no fim da tarde, que talvez fosse mesmo isso: a alegria de ser simples, de permanecer e esperar — como as flores, como o vento de março, como as pessoas que voltam devagar, mas voltam.



Capítulo 12 – Bilhetes perdidos

Era quase meio-dia quando o telefone tocou.

Eun-ha reconheceu o número antes mesmo de atender.

— Filha! — a voz da mãe veio animada do outro lado. — Prepare-se! Estamos indo para Gwanju amanhã!

Eun-ha franziu a testa, surpresa.

— Amanhã?

— Isso mesmo! E já decidimos: dessa vez você vai escolher a faculdade. Vamos todos juntos para Seul por alguns dias e já resolvemos tudo de uma vez!

Do outro lado da linha, a voz do pai entrou firme:

— Você não pode continuar parada aí. Gwanju é pequena demais. Chegou a hora, Eun-ha. Preparamos tudo, só falta sua matrícula.

— Mas...

— Nada de "mas". Já é tempo de pensar no futuro, não acha? Aproveitamos e organizamos suas coisas. Você vai ver como vai ser bom sair daí.

Ela forçou um sorriso que ninguém do outro lado da linha poderia ver.

— Certo... vamos conversar quando chegarem.

— Prepare-se! — repetiu a mãe, com entusiasmo. — Vai ser o começo de uma nova fase!

Mal desligou, ficou ali parada, olhando para os vasos de lírios que precisava arrumar, mas que, de repente, pareciam distantes demais para tocar.

Pouco depois, a avó avisou que ia descansar. Eun-ha ficou sozinha na loja, perdida entre pensamentos, ensaiando mentalmente as respostas que não teve coragem de dar ao telefone.

E foi nesse intervalo, entre o barulho da campainha da porta e a indecisão sobre reagir, que Min-jun entrou.

Mas não a encontrou.

Eram os pais dela que estavam na loja. Chegaram antes, adiantados, aproveitando a viagem para organizar algumas coisas antes de vê-la.

— Boa tarde. — disse ele, educado, mas com os olhos procurando ao redor. — Eun-ha está?

O pai ergueu os olhos do celular, com a expressão levemente impaciente.

— Saiu.

Min-jun hesitou.

— Poderia entregar isso para ela? — estendeu um pequeno envelope dobrado com cuidado.

O pai segurou o papel com a ponta dos dedos, como se fosse algo sem importância.

— Certo.

Mas, assim que Min-jun virou as costas e saiu, o pai soltou um riso breve, debochado.

— Esses garotos do interior...

Dobrou o bilhete sem sequer ler e o deixou sobre o balcão, ao lado de um jornal qualquer. Mais tarde, acabou indo parar no lixo.

O que Min-jun não sabia — e nem Eun-ha — era que, naquela última tentativa, havia marcado um encontro para o fim da tarde, antes de precisar partir de volta para Seul.

Queria vê-la. Falar algo que, talvez, não pudesse escrever num bilhete.

Queria dizer que voltar para a cidade grande não estava sendo tão fácil como esperavam dele. Que havia encontrado ali, naquela floricultura pequena e esquecida da pressa do mundo, algo que nem sabia que procurava.

Mas, no fim, só restou o silêncio.

Eun-ha só ficou sabendo da visita no fim do dia, quando o pai comentou por alto:

— Ah, passou aqui um rapaz procurando por você.

— Ele deixou alguma coisa? — perguntou, com a esperança apertada na garganta.

— Não.

E foi assim que o bilhete se perdeu.

E, com ele, a chance de um último encontro.

Ou quase.

Porque certas coisas, mesmo quando se perdem, continuam esperando.



Capítulo 13 – O lugar vazio

No fim da tarde daquele domingo, Min-jun esperou.

Ficou sentado no banco de pedra em frente à igreja, com a mochila ao lado e os olhos fixos na porta por onde tanta gente entrava e saía aos domingos.

Mas ela não apareceu.

Os sinos tocaram para anunciar a missa, e, ainda assim, ele ficou mais um pouco, como se o tempo pudesse ceder e, por algum motivo, ela ainda fosse chegar, correndo e sorrindo, dizendo que se atrasou, que quase não veio, mas veio.

Só que não veio.

A luz do fim de tarde foi escurecendo devagar, e a cidade começou a se recolher.

Quando se levantou para ir embora, não ficou triste exatamente. Apenas teve a certeza mansa de que certas histórias começam devagar e terminam sem ninguém perceber.

Na manhã seguinte, ele partiu.

Voltou para Seul, para a rotina corrida da faculdade, para as ruas largas, para a pressa das estações lotadas.

Eun-ha só soube dias depois.

Passou a semana tentando disfarçar a inquietação, ajudando a avó com as encomendas, respondendo com meias palavras à empolgação dos pais sobre a viagem a Seul. Mas o pensamento insistia em voltar para a igreja, para o bilhete que talvez nunca tivesse sido entregue, para a ausência que se sentia até nos cantos da loja.

Na sexta-feira, criou coragem e foi até a casa azul perto do morro.

Bateu na porta devagar, já sabendo a resposta antes mesmo que ela viesse.

Quem atendeu foi a avó de Min-jun, com um sorriso gentil, mas cansado.

— Ah, minha filha... ele foi embora. Precisou voltar antes do previsto. A faculdade chama, né?

Eun-ha sorriu de volta, educada, segurando a pontinha de tristeza que ameaçava escapar pela boca.

— Eu imaginei. Só passei para saber como estavam.

— Estamos bem, graças a Deus. E você?

— Indo...

Conversaram mais um pouco, sobre flores, sobre o clima, sobre nada que realmente importasse.

Na volta para casa, caminhou devagar, reparando nas janelas que sempre via e nunca olhava.

E pensou que, talvez, fosse isso mesmo. Algumas coisas não terminam com ponto final. Só param de acontecer.

Ainda havia Seul esperando por ela.

Ainda havia os planos dos pais, as escolhas que precisava ou não fazer.

Mas, naquela tarde cinza, entre a casa azul e a floricultura, Eun-ha teve a sensação de que ficaria tudo bem.

Mesmo sem respostas.

Mesmo com o vazio.

Mesmo sem saber se ele voltaria um dia.

Porque, no fim, certas histórias vivem dentro da gente, mesmo quando já foram embora.



Capítulo 14 – A cidade que não espera

Seul era barulhenta.

Era o que Eun-ha pensava, logo nos primeiros minutos no carro, ainda segurando a mala no colo, enquanto os pais se empolgavam apontando lugares pela janela.

— Aqui é perto da universidade! Olha só quanta coisa legal para fazer! — dizia a mãe, animada.

O pai completava:

— Em cada esquina tem oportunidade. Você vai ver, filha. Seul é o lugar onde tudo acontece.

E tudo, de fato, acontecia ao mesmo tempo.

As ruas eram largas, cheias de gente que andava rápido demais, como se todos estivessem sempre atrasados para alguma coisa importante. As luzes piscavam nas vitrines, os cafés tinham filas nas calçadas, e cada quarteirão parecia disputar quem oferecia mais pressa e menos silêncio.

Mas, dentro dela, só havia espaço para o vazio que Min-jun tinha deixado.

Ele não voltara, e ela nunca soube o que, exatamente, ele queria ter dito naquela última vez. Mas, por algum motivo, pensar nisso doía menos do que imaginava. Era como uma flor que não abriu. Ficou ali, na memória, bonita do jeito que quase foi.

Enquanto os pais falavam de matrículas e datas, Eun-ha só conseguia pensar no cheiro de terra molhada da floricultura e no balanço lento da avó costurando no fim da tarde.

Em Gwanju, o tempo parava.

Em Seul, ele corria tanto que dava vertigem.

No terceiro dia, sozinha no apartamento que os pais haviam alugado temporariamente, abriu o caderno onde antes anotava os pedidos das flores. Folheou as páginas cheias de listas, rabiscos e, por fim, bilhetes.

Escreveu, sem pensar muito:

"Min-jun, você ficaria cansado daqui.

A cidade não sabe esperar.

Nem eu sei direito o que estou fazendo aqui."

Fechou o caderno sem a intenção de mostrar aquilo a ninguém. Era só para si. Só para conseguir respirar um pouco no meio de tanto ruído.

Naquela noite, olhando pela janela do décimo andar, observou a cidade acesa como se nunca dormisse. E pela primeira vez pensou que talvez Seul não fosse mesmo para quem gosta de permanecer.

Talvez a permanência dela tivesse ficado em Gwanju, junto das flores imperfeitas e das coisas pequenas que ninguém nota, mas que fazem falta quando somem.

E agora ela precisava decidir se corria junto com Seul, ou se tinha coragem de voltar e ficar onde o coração parecia caber melhor.

Mas, por ora, só fechou os olhos, ouvindo o som dos carros ao longe, e permitiu que a saudade ocupasse seu lugar.



Capítulo 15 – Entre bilhetes e promessas

A inscrição foi feita numa manhã fria de quarta-feira.

Os papéis assinados, as fotos entregues, as taxas pagas. Pronto. Agora Eun-ha era oficialmente aluna de Biologia.

Não houve comemoração, nem alívio. Só a sensação silenciosa de quem faz o que precisa ser feito, mas deixa o coração guardado em outro lugar.

Depois, os pais insistiram para que ela aproveitasse o resto do dia.

— Vai dar uma volta pela cidade, filha. Conheça melhor, veja como tudo aqui é grande, cheio de possibilidades — disse a mãe, enquanto ajeitava a bolsa.

— Isso! Não fique trancada. Logo vai amar Seul — completou o pai, certo disso, como sempre.

Eun-ha sorriu de leve. Concordou. E saiu.

Mas não para onde eles imaginavam.

Andou sem pressa, dobrando ruas desconhecidas, deixando que os pés escolhessem o caminho. E foi assim que, quase sem querer, encontrou uma pequena igreja escondida entre prédios altos.

Era simples. Portas discretas, fachada clara. Mas, do lado de fora, havia uma imagem da Virgem Maria cercada por flores recém-colocadas.

Eun-ha parou diante dela, sentindo um daqueles silêncios que só aparecem quando o barulho de fora não consegue entrar.

Talvez fosse a saudade de Gwanju. Ou o cansaço de tentar caber num lugar que corria rápido demais.

Ou talvez fosse só a lembrança dele.

Sem pensar muito, abriu o caderno que carregava na bolsa, arrancou uma folha e escreveu:

"Que tudo o que precisa florescer, floresça.

Que quem precisa voltar, volte.

Que quem precisa ficar, permaneça."

Dobrou o papel com cuidado e o colocou entre as flores, bem aos pés da imagem da Virgem, como se Maria soubesse exatamente o que fazer com desejos tão silenciosos.

Virou-se para ir embora, mas, antes que desse o primeiro passo, ouviu uma voz atrás de si.

— Achei que fosse você.

O coração de Eun-ha disparou antes mesmo de se virar.

Min-jun estava ali, parado alguns passos atrás, com as mãos no bolso e um sorriso pequeno, meio sem graça, como quem também não acreditava muito naquele encontro.

— O que você faz aqui? — perguntou, surpresa.

— Eu estudo perto daqui... Volto da biblioteca por esse caminho. Mas passei para rezar um pouco.

Olhou para o bilhete entre as flores e depois para ela.

— Gwanju sente sua falta?

Ela sorriu.

— Acho que sim. E Seul não sabe muito bem o que fazer comigo.

Ficaram em silêncio por alguns segundos, como se o tempo tivesse decidido desacelerar só para eles.

— Sabia que foi assim que tudo começou? — disse ele, apontando discretamente para o bilhete dela. — Um bilhete deixado sem saber se alguém leria.

— Talvez as melhores coisas comecem assim — respondeu.

E ali, na frente da Virgem, entre flores e bilhetes, não precisaram dizer muito mais.

E, naquele breve silêncio, Eun-ha percebeu que não importava tanto onde estivesse. Seul, Gwangju, qualquer outro lugar.

A permanência verdadeira não estava nas cidades ou nas escolhas que os outros esperavam.

Era sobre permanecer sendo quem era, onde quer que fosse.

Sobre carregar, dentro de si, a delicadeza das flores imperfeitas, a calma dos fins de tarde, a coragem de quem não tem pressa.

E, sem que esperasse, aquela oração feita na igreja em Gwanju — tão simples, tão repentina — havia sido atendida.

Não do jeito que imaginou. Mas talvez do único jeito que realmente importava:

Trazendo de volta o que era para ficar.

E, com isso, a certeza tranquila de que, agora, não havia mais nada faltando.

Nem na cidade grande.

Nem dentro dela.



Epílogo

Meses depois, a primavera chegou a Seul.

As aulas começaram, os dias passaram, e Eun-ha, aos poucos, aprendeu a encontrar pequenas pausas em meio à pressa da cidade.

Fez amigos discretos, descobriu cafés tranquilos e, nos fins de semana, visitava mercados que vendiam vasos simples, só para ter algo verde por perto.

Nunca se esqueceu do que deixou em Gwagnju, mas entendeu que não precisava escolher entre partir ou permanecer — porque levar consigo o que importa é uma forma de ficar, mesmo quando se vai.

Min-jun, de vez em quando, a esperava na saída das aulas.

Não havia promessas.

Nem urgência.

Só a companhia silenciosa de quem entende que as coisas mais bonitas nascem sem pressa, como os quase-girassóis da floricultura, que talvez nunca tenham florescido por inteiro, mas ainda assim foram belos.

E assim seguiram.

Entre bilhetes deixados discretamente sob a porta, encontros diante da Virgem.

Eun-ha descobriu que a verdadeira permanência não estava em Gwangju, nem em Seul, nem em um lugar específico.

Estava nela.

Na maneira como cuidava das pequenas coisas.

Na fé silenciosa que aprendeu a carregar.

E no jeito tranquilo de deixar que a vida seguisse o seu próprio ritmo, sabendo que, enquanto a gente permanece sendo quem é, tudo o que for verdadeiro encontra um jeito de ficar.

E foi suficiente.



Para ler este e
outros títulos, acesse:
www.baixelivros.com.br